



Entrevista com o historiador Matthias Röhrig Assunção, professor do Departamento de História da Universidade de Essex – Inglaterra, realizada pela professora Elizabeth Sousa Abrantes, do Departamento de História e Geografia da Universidade Estadual do Maranhão.

O ano de 2008 iniciou com a comemoração dos 200 anos da vinda da família real para o Brasil, com homenagens oficiais e debates acadêmicos, além de diversas publicações, atividades escolares e comentários na mídia. Especialmente no Rio de Janeiro, que foi a cidade - sede do governo de D.João VI, concentra-se a maioria das homenagens. Este ano também se encerrará com o aniversário de 170 anos da Balaiada, uma das revoltas populares mais importantes da história do país, deflagrada no Maranhão, liderada por homens pobres e mestiços, incluindo também escravos. Fora do ambiente acadêmico essa data parece não causar nenhum interesse, especialmente no âmbito oficial, como tem ocorrido nos anos anteriores. Sobre essa relação entre memória e esquecimento no que diz respeito à Balaiada, conversamos com o professor Matthias Assunção, estudioso do tema há quase 30 anos, autor de uma pesquisa que trouxe para o debate uma outra versão da revolta, baseada na memória oral:

**Revista Outros Tempos:** A denominação de “Balaiada” dada a essa revolta popular pela versão elitista e oficial, e “Guerra dos Bem-te-vis”, segundo a tradição oral e camponesa, sugere apropriações diferentes por parte de setores da sociedade maranhense, com conseqüências diretas para o olhar que se teve e se tem sobre a referida insurreição popular. Comente as implicações desses significados para a memória desse movimento.

**Matthias Assunção:** Em 1982, quando iniciei a pesquisa sobre a memória oral da Balaiada, nunca tinha ouvido falar de uma “Guerra dos Bem-te-vis”, pois nenhuma publicação a respeito da Balaiada mencionava esse termo. Foi durante as conversas com habitantes do interior, mais particularmente do Maranhão oriental, que me dei conta que havia essa denominação alternativa para a guerra. Agora, veja bem, a maioria das pessoas que entrevistei não estabelecia uma diferença clara entre os dois termos. Esse contraste já foi uma interpretação minha, a partir da constatação que a historiografia usava apenas o termo Balaiada, e quase sempre de maneira pejorativa, negando um caráter político à revolta. Balaiada é derivado de Balaio, o líder rebelde de reputação mais sanguinária, sempre apontado como exemplo da malvadeza dos “facínoras” balaioes. Já falar em Guerra dos Bem-te-vis enfatiza que os rebeldes se autodenominavam assim - os liberais maranhenses eram conhecidos como bem-te-vis naquela época. Significa não denigra-los como bandidos, mas reconhecer que eles consideravam-se os verdadeiros defensores dos princípios liberais na província.

**Revista Outros Tempos:** O estudo sobre a “Balaiada” se caracteriza por sua complexidade, dada a heterogeneidade da composição social, a conjuntura histórica em que eclodiu, suas características sócio-econômicas e espaciais, entre outras. Em sua análise da Balaiada como uma

das primeiras grandes revoltas camponesas no Brasil, ela é considerada mais como “*uma guerra de resistência do campesinato maranhense do que uma revolução motivada por utopias*” (Assunção, 1988, p. 31). Quais os obstáculos para que essa revolta se transformasse em uma revolução e as implicações desse fato para suas limitações internas e possibilidades de êxito?

**Matthias Assunção:** Os rebeldes pegaram em armas porque se sentiram oprimidos pelos prefeitos, cargo criado pela administração conservadora do presidente da província Camargo em cada comarca.

Queriam o fim dessas arbitrariedades e dos recrutamentos violentos. Como em muitas revoltas camponesas, não há um questionamento revolucionário do sistema político, do imperador ou das instituições criadas com a Independência. Pelo contrário, como muitos líderes haviam participado das lutas pela Independência, eram orgulhosos de serem brasileiros, veneravam o imperador como símbolo da nova nação, e também mostraram, em suas cartas e proclamações, muito respeito pelos deputados eleitos para a Assembléia, tanto é que há cartas onde eles pedem providências a eles. Como em muitas revoltas de antigo regime eles davam vivas ao rei ao mesmo tempo em que queriam o fim do mau governo dos administradores locais. A diferença é que a Balaiada acontece numa fase de transição, num regime constitucional, que apesar de suas limitações, não deixava de ser moderno em comparação com o regime colonial e absolutista anterior. Os balaios eram adeptos de um liberalismo exaltado de inspiração cristã, que defendia a igualdade dos cidadãos. A grande maioria deles não queria, pelo menos inicialmente, estender esses direitos aos não-cidadãos, aos que eram propriedades de seus co-cidadãos: os escravos. Mas para fazer justiça aos balaios é necessário enfatizar que nessa época a idéia de uma abolição imediata e generalizada não era imaginada por quase ninguém, nem mesmo os próprios escravos. Indivíduos como o quilombola Cosme ou Raimundo Gomes foram visionários extraordinários, com uma percepção fora do comum.

**Revista Outros Tempos:** Em seu trabalho “A Guerra dos Bem-te-vis – a Balaiada na Memória Oral”, concluído nos anos finais da ditadura militar no Brasil, você chama a atenção para o ‘esquecimento’ deliberado em relação aos líderes populares da revolta, destacando a homenagem oficial feita ao Duque de Caxias, em frente ao quartel do exército no bairro do João Paulo, em São Luís. Um gesto semelhante havia sido feito pelo governo ditatorial de Vargas ao colocar em destaque a estátua do duque na praça da República, no Rio de Janeiro, como um símbolo nacional, expressando bem a cara conservadora da república, como destacou José Murilo de Carvalho. A homenagem e reconhecimento aos líderes populares da insurreição, bem como a reivindicação da “herança dos bem-te-vis”, requer um novo olhar sobre o passado em busca da resistência popular ao projeto dominante e excludente das elites. Quais os riscos de domesticação desse simbolismo de resistência social contido na revolta para que esta possa ser incorporada ao calendário oficial?

**Matthias Assunção:** Claro que há um grande risco de “domesticação” do simbolismo dos bem-te-vis no caso de um reconhecimento oficial da legitimidade da revolta. Por outro lado, a incorporação da Balaiada em programas e celebrações oficiais sempre traz o risco de não somente mais pessoas se interessarem por essa revolta, mas também de tentar resgatarem aspectos subversivos, eliminados pela “domesticação”.

Agora, gostaria de chamar a atenção para o fato de que as outras grandes revoltas regionais do Império já têm merecido esse reconhecimento faz muito tempo. Os farroupilhas, no Rio Grande do Sul, têm sido exaltados como heróis pela memória dos gaúchos. Os praieiros, em Pernambuco, também gozam de reconhecimento oficial e viraram heróis venerados. Essa releitura também aconteceu no Pará, mais recentemente, em relação aos cabanos. O único estado que nega reconhecimento aos que defenderam os direitos de cidadania contra os abusos de potentados locais, e o direito de autonomia regional contra um poder centralizador abusivo é o Maranhão. Para mim é difícil não relacionar isso com o fato do Maranhão ser um dos dois ou três estados com mais baixo índice de desenvolvimento do Brasil, e práticas políticas inaceitáveis em grande parte já relegadas ao passado em outras regiões. Nesse sentido, rediscutir a Balaiada pode ajudar a ver a falta de direitos de cidadania no campo em perspectiva histórica.

**Revista Outros Tempos:** A “Balaiada”, a mais longa e numerosa revolta já ocorrida em solo maranhense, ocupa um lugar central no processo de formação da nova ordem política e social no Maranhão na primeira metade do século XIX, com desdobramentos para os períodos seguintes. Seu estudo revela uma série de facetas da história do Maranhão imperial, do momento de construção das novas instituições políticas e sociais e sua classe dirigente, com a definição dos vencedores e vencidos, dos mundos da ‘ordem’ e da ‘desordem’. O estudo traz luz sobre questões do presente que resultaram da vitória das forças conservadoras no Maranhão. Essa seria uma das razões para o interesse em apagar a memória da Balaiada ou diminuir seu valor, apresentando-a como manifestação de banditismo, tentando provocar uma segunda derrota, a da memória?

**Matthias Assunção:** Absolutamente. A versão conservadora já foi escrita e imposta durante o conflito, por escritores como Magalhães, secretário de Luís Alves de Lima, o futuro duque de Caxias. Os conservadores sempre negaram o caráter político do conflito, argumentando que a ralé era incapaz de formular reivindicações dessa natureza. Por isso inventaram a teoria da ‘mão oculta’ que teria manipulado Raimundo Gomes. E se os rebeldes não tinham motivos políticos, a única motivação que poderiam ter era ou a sede de vingança ou o roubo do bem alheio, ou seja, instintos baixos e condenáveis. Assim, é correto falar de uma “segunda derrota” dos rebeldes, pois durante pelo menos 150 anos foi negado legitimidade ao seu movimento.

**Revista Outros Tempos:** Em suas pesquisas sobre a Balaiada, o recrutamento forçado (chamado de “pega” pelos camponeses) foi apontado como uma das causas principais e mais imediatas para a eclosão da revolta, demonstrando o caráter camponês dessa luta que envolveu milhares de homens e mulheres do interior maranhense. Passados 170 anos, o Estado do Maranhão ainda é um estado eminentemente agrário, com a maioria da sua população vivendo no campo e sofrendo os conflitos da luta pela terra, a desapropriação, o êxodo rural, a exploração dos trabalhadores rurais, incluindo o uso de mão-de-obra de maneira coercitiva, caracterizando um tipo de trabalho escravo moderno. Comente como o conhecimento mais profundo dessa revolta e sua re-significação como uma luta justa e de resistência dos setores oprimidos pode contribuir para a reabilitação da sua memória.

**Matthias Assunção:** O melhor conhecimento da revolta pode contribuir para que os agentes que levantam bandeiras de lutas sociais na atualidade, sobretudo no campo, vejam a sua luta inserida numa tradição mais ampla de resistência, que tem tido pontos altos e baixos desde os tempos da

Balaiada. Os bem-te-vis podem assim servir de exemplo (tanto positivo quanto negativo), e, até certo ponto de inspiração - não tanto por causa dos seus métodos, resultado de contexto histórico totalmente distinto, mas por causa de sua postura de não aceitar a arbitrariedade. Permite também pôr em perspectiva sucessos e malogros da atualidade, reivindicar uma genealogia de resistência, de luta, e de solidariedade.